

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

**ALYSSANDRA VIEIRA COSTA GOMES**

**ADOLESCÊNCIA NORMAL?:**  
um estudo acerca do submetimento à função paterna

São Luís

2015

**ALYSSANDRA VIEIRA COSTA GOMES**

**ADOLESCÊNCIA NORMAL?:**

um estudo acerca do submetimento à função paterna

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Isalena Santos Carvalho

São Luís

2015

**ALYSSANDRA VIEIRA COSTA GOMES**

**ADOLESCÊNCIA NORMAL?:**

um estudo acerca do submetimento à função paterna

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Isalena Santos Carvalho

Aprovada em: 26 / 06 / 2015

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Isalena Santos Carvalho** (Orientadora)  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Profa. Dra. Lívia Janine Rocha Leda**  
Universidade Estadual do Maranhão

---

**Profa. Dra. Maria Sílvia Antunes Furtado**  
Universidade Estadual do Maranhão

---

**Profa. Dra. Valeria Maia Lameira**  
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho ao meu querido filho Luis Eduardo, o qual tem me ensinado o que é a posição materna.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e destacar nesta pequena folha a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho:

À Isalena Santos Carvalho pela orientação dedicada, paciente e responsável;

À Valéria Maia Lameira, pela escuta;

À Escola de Psicanálise do Maranhão, espaço no qual tenho a oportunidade de fazer minha formação, sem o qual este trabalho não seria possível;

À Conceição Furtado pelas contribuições na banca de qualificação;

À Maria Sílvia Antunes Furtado pelas indicações e sugestões por ocasião da Banca de Qualificação;

À Lívia Janine Leda Fonseca Rocha pela disponibilidade;

À minha família, em especial aos meus pais Luthero e Celia e aos meus irmãos Alessandro e Alisson;

À querida sobrinha Mariana Costa pelo apoio;

Aos colegas do Programa de Pós Graduação em Psicologia, em especial à Aline Tavares por sua gentileza e compreensão;

Aos amigos do peito: Thais Lima, Lucilene Rodrigues, Polliana Jurique, Cinthia Rodrigues e Caroline Torres Gonzaga, mais uma vez: obrigada!

Aos meus alunos, incentivadores e apoiadores desta empreitada.

*“Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”.*

(Fausto, de Goethe)

## RESUMO

A adolescência é um fenômeno recente que começa a ter um lugar social a partir do século XIX. Mesmo não recebendo um destaque teórico na Psicanálise, a adolescência está presente nos textos freudianos e lacanianos. Freud, no clássico texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, dedica um dos ensaios às mudanças da puberdade. A adolescência coincide com a puberdade, daí, podemos ver que esse momento não é fácil, muito menos simples de ultrapassar. Ocorrem muitas mudanças: no corpo, na forma de pensar, de agir e também no lugar que se ocupava até então. O objetivo geral deste trabalho foi discutir como o submetimento à função paterna possibilita uma adolescência “normal”, a partir da análise do filme “Antes que o mundo acabe”. Como ramificações dessa proposta para a análise do filme, a pesquisa buscou identificar em seus objetivos específicos: considerações teóricas de Sigmund Freud sobre o complexo de Édipo e a castração e de Jacques Lacan sobre a função paterna. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica que se pautou nas indicações de Freud acerca do método psicanalítico, o qual tem como especificidade a sobredeterminação do inconsciente e, assim, o seu caráter inapreensível. O trabalho apresenta noções freudianas de sexualidade infantil, de complexo de Édipo e de organização genital fálica, bem como as implicações subjetivas dessas questões para o adolescente. Também apresenta contribuições de Jacques Lacan pautadas no trabalho de Freud sobre a metáfora paterna, os três tempos do Édipo e como repercutem para uma adolescência “normal”. Para a discussão do filme, foi privilegiada a seguinte sequência para a apresentação do material: da cena em que Daniel recebe a primeira carta de seu pai biológico, que não conhecia até então, ao momento em que recebe um convite para ir ao seu encontro. Destacamos como a adolescência é permeada de contradições, dificuldades, alegrias, conquistas e perdas. Com base na discussão, indicamos que a função paterna não está referida exclusivamente à existência real de um pai, mas, sim, às marcas simbólicas deixadas por esse que, como apontou Lacan, está no centro da questão do Édipo. No filme, o personagem Daniel começa a se vestir com as roupas de fotógrafo, tal qual o seu pai. O pai não pode lhe dar as respostas para suas questões, porém é pela identificação que Daniel vai construir as suas próprias respostas. A função paterna possibilita ao adolescente a saída da adolescência para outro tempo, tempo esse subjetivo, relacionado à responsabilidade com seu desejo.

Palavras-chave: Adolescência. Adolescência normal. Psicanálise. Função paterna.

## ABSTRACT

Adolescence is a recent phenomenon that starts to take its social place on the XIX century. Even though it didn't receive proper theoretical evidence in Psychoanalysis, adolescence makes itself present in Freudian and Lacanian texts. Freud, in his classical work "Three Essays on the Theory of Sexuality", dedicates one of the essays to the changes that take place in puberty. Adolescence coincides with puberty, so we can notice that this moment is not an easy one and specially not one easy to go through. Changes occur: on the body, on the way of thinking and acting and also in the position one occupied before. The main goal of this paper was to discuss how the submission to the paternal function makes a "normal" adolescence possible, based on the analysis of the movie "Before the World Ends". As resulting branches of the proposal of the movie analysis, the research tried to identify in its specific objectives the following aspects: theoretical considerations by Sigmund Freud on the Oedipus complex and castration and, by Lacan, on the paternal function. In order to do so, a bibliographic research was performed based on Freud's indications about the psychoanalytical method, which has as specificity the unconscious overdetermination and, consequently, its inapprehensible character. This paper presents Freudian notions of infantile sexuality, of the Oedipus complex and of the genital phallic organization as well as the subjective implications of these issues to the adolescent. The paper also present contributions by Jacques Lacan, based of Freud's work, on the paternal metaphor, the three "times" – that is to say the three moments – of the Oedipus complex and how they reflect on a "normal" adolescence. In what concerns the discussion of the movie, the following sequence was privileged when presenting the material: from the scene where Daniel receives the first letter by his biological father – of whom he hadn't known before – to the moment when he receives an invitation to go and meet him. We highlight how adolescence is permeated by contradictions, difficulties, joys, conquest and losses. Based on the discussion, we indicate that the paternal function is not exclusively referred to the real existence of a father, but on the symbolic marks left by him who, as pointed Lacan, is in the center of the Oedipus question. In the movie, the character Daniel starts to dress himself with photographer's clothes just like his father. From there, if the father cannot give answers to his questions, it's through the identification that Daniel will build his own answers. The paternal function makes it possible for the adolescent to go from adolescence to a different time, this one being a subjective time, related to the responsibility to his own desire.

Keywords: Adolescence, normal adolescence, Pscyhoanalysis, paternal function.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>FREUD: O ÉDIPO E A ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>LACAN: A FUNÇÃO PATERNA E A ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>25</b>
<b>4</b>	<b>SOBRE O MÉTODO: A CONSTRUÇÃO DA PONTE ENTRE A ADOLESCÊNCIA E A PSICANALISE.....</b>	<b>36</b>
<b>5</b>	<b>ANTES QUE O MUNDO ACABE.....</b>	<b>39</b>
<b>5.1</b>	<b>Chegou uma carta de ti para ti.....</b>	<b>39</b>
<b>5.2</b>	<b>Nesse caso, só há uma coisa a fazer: pão!.....</b>	<b>41</b>
<b>5.3</b>	<b>Vocês já comeram vento?.....</b>	<b>42</b>
<b>5.4</b>	<b>“Pai, por que...”.....</b>	<b>44</b>
<b>5.5</b>	<b>Já era tempo de eu ficar próximo de alguém que eu nunca deveria ter perdido de vista. Quer vir? .....</b>	<b>45</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Do latim *adolescere*, que significa despertar, brotar, a adolescência é um segundo tempo de constituição subjetiva – uma vez que o primeiro tempo de constituição foi na primeira infância, ocasião na qual houve um primeiro encontro com a castração e na qual a criança deu uma resposta. Na puberdade, conforme nos diz Rocha (2003, p.119), o adolescente “é chamado a assumir a responsabilidade plena pelo seu sexo”. Juntamente com esse segundo tempo de constituição subjetiva, existem as mudanças corporais e será nessa ocasião que, para alguns, veremos uma possibilidade de eles se posicionarem subjetivamente diferentemente de como faziam na infância, onde a dimensão lúdica e imaginária predominava, além de que a criança tinha a presença dos pais que se responsabilizava por ela. Alguns adolescentes se verão confrontados a saírem do lugar e caminhar mesmo com todas as dificuldades e com tudo aquilo que ainda não sabem, enquanto outros se verão paralisados e impossibilitados de irem adiante.

A adolescência é um fenômeno contemporâneo. Até o século XVIII, não havia ainda a construção social do conceito de infância, muito menos o de adolescência que passa a existir no final do século XIX. A longa duração da infância estava relacionada à indiferença pelos fenômenos ditos biológicos. Não havia uma delimitação entre a infância e a puberdade. A idéia de infância também estava relacionada às relações de dependências feudais e senhoriais. Só se saía da infância quando se saía das relações de dependência (ARIES, 1981). Mesmo passando a existir um vocabulário sobre a primeira infância, ainda existia uma ambigüidade entre a infância e a adolescência de um lado, e aquilo que se chamava de juventude de outro.

Até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância. No latim dos colégios, empregava-se indiferentemente a palavra *puer* e a palavra *adolescens*. Existem, conservados na Bibliothèque Nationale, alguns catálogos do colégio dos jesuítas de Caen, uma lista dos nomes dos alunos, seguidos de apreciações. Um rapaz de 15 anos é descrito como *bonus puer*, enquanto seu jovem colega de 13 anos é chamado de *optimus adolescens*. Baillet, num livro consagrado às crianças-prodígio, reconheceu também que não existiam termos em francês para distinguir *pueri* e *adolescentes*. Conhecia-se apenas a palavra *enfant* (criança) (ARIES, 1981, p. 41).

A idéia de adolescência como temos hoje na contemporaneidade demorou para se formar, porém, desde o século XVIII, já havia personagens literários e sociais que antecediam essa idéia, tais como o personagem literário Querubim e um personagem social, o conscrito. O Querubim era um personagem com traços efeminados demonstrando a transição da infância para a fase adulta, traduzindo-se assim um estado: “tempo do amor nascente”. O conscrito demonstrava a força viril, que exprimia a adolescência:

Em Querubim, prevalecia a ambiguidade da puberdade, e a ênfase recaía sobre o lado efeminado de um menino que deixava a infância. Isso não era propriamente uma novidade: como se entrava muito cedo na vida social, os traços cheios e redondos da primeira adolescência, em torno da puberdade, davam aos meninos uma aparência feminina. É isso o que explica a facilidade dos disfarces dos homens em mulheres ou vice-versa, comuns nos romances barrocos do início do século XVII: dois rapazes ou duas moças se tornam amigos, mas um deles é uma moça travestida etc. Por mais crédulos que sejam os leitores de romances de aventuras de todas as épocas, o mínimo de verossimilhança exige que tenha existido alguma semelhança entre o menino ainda imberbe e a menina. Contudo, essa semelhança não era apresentada então como uma característica da adolescência, uma característica da idade. Esses homens sem barba de traços suaves não eram adolescentes, pois já agiam como homens feitos, comandando e combatendo. Em Querubim, ao contrário, o aspecto feminino estava ligado à transição da criança para o adulto: traduzia um estado durante um certo tempo. O tempo do amor nascente Querubim não teria sucessores. Ao contrário, seria a força viril que, no caso dos meninos exprimiria a adolescência, e o adolescente seria prefigurado no século XVIII pelo conscrito (ARIÈS, 1981, p. 35).

Segundo Ariès (1981), o primeiro adolescente moderno típico foi Siegfried de Richard Wagner. A música apresentou pela primeira vez alguns aspectos típicos da adolescência, como a força física, a espontaneidade, a alegria de viver, fazendo do adolescente o herói do século XX - considerado o século da adolescência.

O período da adolescência coincide com a puberdade, mas há que se delimitar uma diferença entre ambas, pois a puberdade está relacionada às mudanças biológicas e corporais tais como: o aparecimento de pelos pubianos, a mudança da voz, a menarca, o crescimento dos seios, o aparecimento do gogó ou pomo de Adão e a barba.

Segundo Saggese (2001), a adolescência ou puberdade social diz respeito a um estado transitório, de duração indeterminada, marcado por vicissitudes psicológicas e sociais que atingem o jovem nas proximidades do período púbere. Charles Melman (2009, p.133) nos diz que: “um adolescente na nossa cultura é um jovem que se encontra em um estado biológico de maturidade sexual, exposto a essa discordância entre o fato que, social e

familiarmente, ela lhe é recusada”. A maturidade sexual é recusada ao adolescente porque, em nossa cultura, falar em maturidade é associá-la ao alcance de certa independência financeira por parte dos jovens.

A adolescência não recebeu um destaque teórico nos textos freudianos e lacanianos, mas notamos o quanto ela está presente na Psicanálise por meio de alguns casos atendidos por Freud, a exemplo da *Jovem Homossexual*<sup>1</sup> e de *Dora*<sup>2</sup>, bem como no momento em que ele se refere à sua própria juventude, ao escrever uma carta de comemoração aos 50 anos de aniversário de fundação do colégio em que estudou, o que nos apresenta no texto *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*:

Em momentos como esse, costumava achar que o tempo presente parecia mergulhar na obscuridade e os anos entre os dez e os dezoito surgiam dos escaninhos da memória, com todas as suas conjeturas e ilusões, suas deformações dolorosas e seus incentivadores sucessos – meus primeiros vislumbres de uma civilização extinta (que, no meu caso, deveria trazer-me tanta compensação quanto tudo o mais nas lutas da vida), meus primeiros contatos com as ciências, entre as quais me parecia aberta a escolha daquela à qual dedicaria os meus indubitavelmente inestimáveis serviços. (FREUD, 1914/1996, p.247).

O interesse no estudo da “adolescência normal”, do que vem a ser isso e se isso é possível se originou da experiência profissional como psicóloga, escutando adolescentes participantes de projetos sociais que verbalizavam suas queixas, dificuldades e dúvidas durante esse tempo – como relação com os pais, namoros, “ficas”, escolha profissional, uso de drogas, pertencimento a grupos, gravidez, dentre outros. Suas questões nos instigaram para, por sua vez, a interrogação acerca do que vem a ser a adolescência nas teorias de Sigmund Freud e de Jacques Lacan, especialmente a possibilidade de uma “adolescência normal”. Com o ingresso no programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMA, tivemos a possibilidade de aprofundar o estudo sobre a adolescência, mais especificamente de investigarmos a possibilidade de se falar em uma “adolescência normal” e tentar explicitar o que vem a ser isso. A linha de pesquisa escolhida foi: “Processos clínicos e da saúde”. Desse modo, as questões que suscitaram esta pesquisa teórica partiram da experiência no atendimento psicológico de adolescentes, bem como da participação no dispositivo clínico de formação da

---

<sup>1</sup> A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher(1920) Vol XVIII

<sup>2</sup> Fragmento da análise de uma caso de histeria(1905). Vol VII

Escola de Psicanálise do Maranhão, chamado: “Oficina da Clínica com Crianças e Adolescentes”.

Tendo o presente trabalho como foco a “adolescência normal”, ressalta-se de antemão, que, em se tratando de adolescência, é difícil se falar em “normalidade”, uma vez que existe uma linha muito tênue de delimitação entre o normal e o patológico, como nos disse Freud (1924/1996). Porém, é possível considerarmos algo que marca uma “normalidade” ou uma diferença entre um adolescente que parece ter conseguido ultrapassar esse tempo de outros adolescentes que não conseguiram ultrapassá-lo por diversas razões, que não serão aqui discutidas por exigirem a construção de outro trabalho.

A partir disso, configurou-se o seguinte problema de pesquisa: como o adolescente poderá enfrentar a passagem para a vida adulta, sem apresentar uma crise psicótica ou condutas delinquentes? É possível atravessar a adolescência sem crise? A adolescência é crise?

Se há crise na adolescência, como aponta a literatura psicanalítica, como é possível a um adolescente enfrentar tal dilema e continuar sua trajetória de vida? Tais questões aparentemente contraditórias, uma vez que os adolescentes considerados “normais” também podem apresentar momentos de crise e rebeldia em seu dia a dia, foram aquelas que delinearão inicialmente as discussões do estudo.

Como base para a discussão do que seria a “adolescência normal”, consideramos aqui o submetimento à norma fálica; portanto, investigamos a adolescência neurótica. Falar sobre “adolescência normal” é trazer à tona a relação do adolescente com sua sexualidade. Para Freud (1905/1996, p.196), é na puberdade “que se introduzem as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva.” O conceito de sexual para a Psicanálise é abrangente. É fundamento de toda a teorização de Freud. Desde a escuta inicial das pacientes históricas até as suas últimas produções, ele sustentou o fator sexual como estando na origem das neuroses. Sendo assim, a discussão sobre a sexualidade perpassa toda a Psicanálise. O conceito de sexual para a Psicanálise implica:

[...] a sexualidade (atividade consciente) e o que subjaz a ela e a ordena: a “vida sexual” ou, termo equivalente em Freud, a “vida libidinal” que estabelece a articulação entre o sexual e a vida psíquica, levando em conta a dimensão do inconsciente, do infantil (CHEMAMA; VANDERMERSCH, 2007, p.344).

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho foi discutir como o submetimento à função paterna possibilita uma adolescência “normal”, a partir da análise do filme “Antes que o mundo acabe”. Como ramificações dessa proposta para a análise do filme, a pesquisa buscou identificar em seus objetivos específicos: considerações teóricas de Sigmund Freud sobre o complexo de Édipo e a castração e de Jacques Lacan sobre a função paterna. Para tanto, recorreu a considerações teóricas de Sigmund Freud sobre o complexo de Édipo e a castração, bem como de Jacques Lacan sobre a função paterna. Com base em tais questões, o desenvolvimento da discussão convergiu para a análise do filme “Antes que o mundo acabe”. A inclusão desse filme se deu em virtude de apresentar um recorte de dilemas vividos por seus três personagens Daniel (o protagonista), Lucas e Mim, mostrando sua dinâmica de vida na adolescência: amizades, namoros, escolhas profissionais, dificuldades na relação com os pais.

Como o objetivo deste trabalho é discutir a importância do submetimento à função paterna como possibilidade de uma “adolescência normal”, faz-se importante destacar que, segundo o Art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente instituído pela lei federal 8.067 de 13 de julho de 1990, adolescente é a pessoa que tem faixa etária compreendida entre os 12 e 18 anos. Mas, para além de uma idade cronológica, a adolescência também é um tempo de crescimento, um tempo de elaboração psíquica o qual cada um passa de uma forma própria, às vezes, tranquila, às vezes, muito dolorosa para si e para aqueles com quem vive, especialmente os familiares.

O estudo foi organizado tendo como primeiro capítulo um percurso pelas noções freudianas de sexualidade infantil e de complexo de Édipo, partindo do que Freud vai considerar sobre a organização genital infantil e o falo.

No segundo capítulo, realizamos um percurso por noções da teorização lacaniana, as quais, pautadas no trabalho de Freud, nos conduziram à discussão sobre a função paterna e os três tempos do complexo de Édipo. Já no terceiro capítulo, delinea-se o método utilizado na pesquisa, bem como os procedimentos utilizados na análise dos dados.

Com base no referencial adotado neste estudo, no quarto capítulo fizemos a discussão do filme “*Antes que o mundo acabe (2010)*”, destacando como a adolescência é permeada de contradições, dificuldades, alegrias, conquistas e perdas.

## 2 FREUD: O ÉDIPO E A ADOLESCÊNCIA

A adolescência no texto *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1996) se apresenta articulada a mudanças da puberdade. No terceiro ensaio do texto, Freud diz que é na puberdade que transformações deverão acontecer com as pulsões sexuais e que, caso essas não se realizem, todas as perturbações patológicas da vida sexual poderão advir. Freud destaca também que é na puberdade que a pulsão sexual que, até então, era autoerótica, encontra o objeto sexual. Quando Freud nos fala da puberdade, ele vem nos indicar que é nesse tempo que vai haver um encontro com o objeto sexual; na verdade, diz ele, um reencontro, uma vez que desde a infância esse caminho já vinha sendo percorrido.

Inicialmente, nós nos deteremos um pouco na infância, para falarmos especialmente do complexo de Édipo, por Freud o considerar como o fenômeno central do período sexual da primeira infância. Dessa forma, Freud se refere à sexualidade infantil e às transformações da puberdade no seu texto *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), no qual apresenta pontos fundamentais, em especial o “descaso para com o infantil” e o seu contraponto a isso, a importância dada por ele à infância como estando na origem de fenômenos da vida sexual. Freud, partindo dos *Três Ensaio*s, que é um marco para a história da Psicanálise, destaca a presença do fator infantil na sexualidade humana.

Freud vai causar um mal-estar na humanidade ao dizer que a criança é portadora de sexualidade, a qual se manifesta desde muito cedo e não apenas na puberdade. Notamos que, a cada manifestação da sexualidade na infância, essa é tomada pelos adultos como excepcionalidade ou mesmo precocidade. Acreditamos que as manifestações tenham a ver com a disposição sexual perversa polimorfa das crianças tratada por Freud nos *Três ensaios*. As crianças podem mostrar sua sexualidade, sem remorso ou vergonha, uma vez que as barreiras morais estão em processo de construção. No convívio com crianças pequenas de idades variadas, percebemos o quanto elas expõem sua sexualidade sem pudor. Outras já sentem vergonha em realizar determinadas ações. Conforme Freud (1905/1996, p.181), “a criança pequena é, antes de mais nada, desprovida de vergonha, e em certos períodos de seus primeiros anos mostra uma satisfação inequívoca no desnudamento do corpo, com ênfase especial nas partes sexuais.”

Se a sexualidade já é manifesta desde a infância, o que então podemos dizer que é novo na adolescência? A adolescência tem algo novo porque a pulsão sexual que era autoerótica, agora passa a se dirigir, segundo Freud, para um objeto sexual.

A pulsão é um conceito importante na teoria psicanalítica. Freud (1915/1996, p.127), no texto *As pulsões e suas vicissitudes*, a articulou “como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo”.

Freud (1915/1996) nos diz que as pulsões têm como origem uma fonte somática e só podemos conhecê-las por suas finalidades. Indicou ser a finalidade de uma pulsão sempre a satisfação, que é sempre parcial, uma vez que, em se tratando da sexualidade humana, não é possível se falar de uma satisfação plena, total, por estarmos imersos na linguagem, a qual retira de nós a condição instintual, animal. A pulsão é um conceito difícil na teoria psicanalítica, para tentar dizer daquilo que está para além de um código genético estabelecido e previsível como o que é observado nos animais. Depreende-se disso que a noção de sexualidade para a Psicanálise é muito singular e referida à noção de pulsão. A sexualidade não se restringe à necessidade biológica, tendo como único fim a procriação; trata-se de pensar aqui o sexual que inclui o genital, mas que não se restringe a ele.

Falar das pulsões sexuais é trazer à tona o conceito de libido tão caro para a teoria psicanalítica. A libido é aquilo que, na relação entre os seres, mostra o quanto a sexualidade humana não pode ser enquadrada e categorizada. Segundo Chemama & Vandermersch (2007, p.141), o falo “é o símbolo da libido para ambos os sexos”. No artigo *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) apontou que, na puberdade, as pulsões parciais estão concentradas e subordinadas ao primado da genitália para fins de reprodução, diferentemente do período da infância, questão que desenvolvemos a seguir a partir também de outros importantes artigos dele sobre o complexo de Édipo nos meninos e nas meninas: *A organização genital infantil* (1923), *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925).

Para Freud, há diferença na vida sexual de meninas e de meninos. Ele faz uma correção diante do equívoco que seria pensar a passagem pelo estágio do complexo de Édipo sem diferenças, ou melhor, acreditando-se que seria igual para ambos os sexos. No texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), Freud

apresenta a situação do complexo de Édipo para os meninos e as meninas. Falar da organização genital infantil, conforme Freud nos apresenta no texto de mesmo nome, é falar que a organização sexual na infância é fálica.

Quanto ao falo, segundo Chemama & Vandermersch (2007, p.141): “para Freud, o termo falo, que irá surgir diversas vezes a propósito dos símbolos fálicos no sonho, a respeito da organização da fase fálica, serve para afirmar o caráter intrinsecamente sexual da libido”. No texto citado anteriormente *A organização genital infantil* (1923/1996), Freud se refere ao termo *falo* para dizer que, na infância, as crianças fantasiam a existência de apenas um órgão genital, o órgão masculino, o pênis; daí ele se utilizar da expressão *primazia fálica*. O menino fica extremamente interessado no seu órgão, porque esse é excitável facilmente. O interesse passa a ocupar boa parte de seu tempo, até que ele chega à descoberta de que o pênis não é comum a todos os seres vivos, não sem antes rejeitar esse fato. Os meninos acreditam que realmente exista um pênis nas demais crianças, pensam que é pequeno e que ainda vai crescer ou que esteve lá e foi retirado.

No texto *A dissolução do complexo de Édipo* (1924/1996), encontramos Freud se referindo mais ao termo falo na sua forma adjetiva – *fase fálica, primazia fálica* – do que propriamente ao falo como substantivo. Diante da primazia fálica, o órgão genital feminino permaneceu desconhecido para ambos os sexos. A menina exercerá uma atividade masturbatória clitoridiana acreditando assim que o clitóris seja “um pequeno pênis” e que ainda vai crescer. Uma das mudanças exigidas à menina para o acesso à feminilidade seria a passagem da sensibilidade do clitóris enquanto zona erógena para a vagina e também a mudança de objeto sexual, uma vez que o primeiro objeto para ambos os sexos é a mãe, mas essa não poderá permanecer como objeto. Quanto aos meninos no que tange à zona erógena, devem continuar com a atividade que já iniciaram desde os primeiros anos de sua infância. Freud vai chamar de fase fálica a fase psicosssexual que é contemporânea do complexo de Édipo na qual há um interesse muito grande nos genitais por parte da criança. Na verdade, o interesse é apenas em um órgão genital:

[...] esse órgão genital é apenas o masculino, ou, mais corretamente, o pênis; o genital feminino permaneceu irrevelado. Essa fase fálica, que é contemporânea do complexo de Édipo, não se desenvolve além, até a organização genital definitiva, mas é submersa, e sucedida pelo período de latência. (FREUD, 1924/1996, p.194)

O *falo* vai instaurar para a criança a dinâmica do ter ou não ter. Nessa fase, as crianças “fantasiam” que, aquelas que não têm, perderam-no por conta da castração. Será a ameaça de castração que ocasionará a destruição da organização genital fállica da criança.

As crianças fantasiam uma infinidade de histórias curiosas e até engraçadas para justificar a ausência de um pênis. Freud (1923/1996, p.159) afirmou que é a ameaça de castração que irá possibilitar que o menino saia desse estágio, pois ele vai ter de se confrontar “com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si próprio”. O menino demonstra um interesse narcísico em seu órgão genital fazendo com que, para preservá-lo, ele abra mão do primeiro objeto de amor, a mãe, e passe a se identificar com o pai.

Vamos ao desenvolvimento dessa questão. O menino não toma a ameaça de castração de forma imediata; inicialmente, ele não acredita e muito menos a obedece prontamente. Freud enfatiza a experiência por que passam os meninos ao observarem os órgãos genitais femininos e ao se depararem com a falta de um pênis. A partir daí, a perda de seu pênis fica imaginável.

[...] Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta às costas ao complexo de Édipo. (FREUD, 1924/1996, p. 196)

Com a ameaça de castração, haverá a “destruição” da organização genital fállica infantil que será sucedida pela fase de latência. A organização genital fállica da infância e o complexo de Édipo se configuram como os fenômenos centrais desse período. Freud nos fala no texto *A organização genital infantil* (1923) o quanto a vida sexual da criança se aproxima da vida sexual do adulto, não se limitando unicamente ao surgimento da escolha de um objeto. O interesse nos genitais e em sua atividade adquire uma grande importância, pouco aquém da alcançada na maturidade.

As catexias libidinais dirigidas aos pais serão transformadas em identificações, o que implica que a autoridade dos pais passa a ser introjetada no ego constituindo assim, o núcleo do superego, o qual “assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal” (FREUD, 1924/1996, p.196). Freud discorre ainda sobre os destinos que pode se dar a partir do momento em que “o ego da

criança volta às costas ao complexo de Édipo”. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte sublimadas e dessexualizadas.

No mesmo texto, Freud (p.197) indicou não ver razão para negar o nome de “recalque” a esse afastamento do ego diante do complexo de Édipo. Contudo, logo adiante, indicou que o processo que descreve é “mais que um recalque”. Se “for idealmente levado a cabo”, equivale a uma abolição e destruição do complexo. É aí, indicou Freud, que chegamos à linha fronteira entre o normal e o patológico, linha nunca bem nitidamente traçada, acrescenta. Para Freud, se o ego não conseguiu muito mais do que um recalque do complexo, esse persiste em estado inconsciente no id e manifestará mais tarde seu efeito patogênico.

É importante destacar que a partir do recalque do complexo é que as identificações poderão se dar. E no que tange às identificações, Freud dedica um capítulo a esse tema no texto *Psicologia das massas e análise do eu*. Nele, diz que a identificação faz parte da história primitiva do complexo de Édipo, uma vez que o menino, por exemplo, toma o pai como ideal, pois quer ser como ele, tomar seu lugar em tudo. Tomar o pai como ideal não tem relação com uma atitude feminina em relação a ele. É tipicamente masculina, indicou Freud (1921/1996).

Ao mesmo tempo que essa identificação com o pai, ou pouco depois, o menino começa a desenvolver uma catexia de objeto verdadeira em relação à mãe, de acordo com o tipo [anaclítico] de ligação. Apresenta então, portanto, dois laços psicologicamente distintos: uma catexia de objeto sexual e direta para com a mãe e uma identificação com o pai que o toma como modelo. Ambos subsistem lado a lado durante certo tempo, sem qualquer influência ou interferência mútua (FREUD, 1921/1996, p.115).

A identificação é ambivalente, pois o menino que almeja ser como o pai, também quer se ver livre dele, visando substituí-lo em relação à mãe. Como nos indica Freud na citação acima, esses laços emocionais andam lado a lado sem se interferirem durante um tempo, porém, no Édipo, haverá a confluência dos dois, o que constituirá a própria dinâmica edípica. O menino passará a sentir a presença do pai com hostilidade, vez que ele interfere na sua relação com a mãe e há a vontade de substituí-lo. Freud (1921/1996, p.116) nos diz ainda que isso dependerá se a escolha se ligar ao sujeito ou ao objeto: “no primeiro caso, o pai é o que gostaríamos de ser, no segundo o que gostaríamos de ter”.

Com a destruição do complexo de Édipo, as tendências libidinais acabam por ser dessexualizadas ou sublimadas, o que, segundo Freud (1924/1996), acontece provavelmente com toda transformação em uma identificação. Há um desvio da meta diretamente sexual, o que dará início à fase de latência. A latência diz respeito a esse tempo de constituição em que as tendências libidinais são dirigidas para “outro foco”, são sublimadas e transformadas em “impulsos de afeição”. Para exemplificarmos esse tempo, costumamos ver as crianças se dirigirem para os estudos, para as amizades. Trata-se de um adiamento.

Será na puberdade que haverá “uma irrupção acentuada da pulsão” (FREUD,1905/ 1996, p.168). Na latência, a pulsão sexual estará voltada para outro fim que não o sexual propriamente dito, o que não quer dizer que a sexualidade esteja nela apagada. Freud dá o nome de recalque a esse processo, deixando claro que outros recalques se darão, mas, a partir de agora, com a participação do superego. Ao mesmo tempo em que há uma “destruição” do complexo, esse permanecerá em estado inconsciente manifestando seus efeitos *a posteriori*. E por que não dizer na adolescência?

Trata-se de uma passagem importante nesse texto, uma vez que é a destruição do complexo de Édipo e todas as implicações de sua “saída” tanto para meninos quanto para meninas que repercutirão na adolescência, foco deste trabalho, como podemos observar nas palavras de Freud anteriormente indicadas (1924/1996 p.197): “[...] se o ego, na realidade, não conseguiu muito mais que um recalque do complexo, este persiste em estado inconsciente no id e manifestará mais tarde seu efeito patogênico”.

Ao referir-se ao complexo de Édipo nas meninas, Freud explicita sua dificuldade em falar do sexo feminino, porém destaca que as meninas também desenvolvem um complexo de Édipo, um superego, um período de latência, uma organização fálica e um complexo de castração, não sem antes dizer que as meninas passam por essas coisas de forma diferente dos meninos.

Quando Freud inicia sua escrita falando do Édipo feminino no texto *A dissolução do complexo de Édipo*, ele destaca a anatomia feminina valendo-se do dito napoleônico “a anatomia é o destino” para referir-se ao fato de que o clitóris na menina equivaleria ao pênis nos meninos, em menores proporções. É a partir da anatomia que a menina pode sentir-se injustiçada, uma vez que “se saiu tão mal” (FREUD,1924/1996, p.197). Diante da primazia fálica, citada anteriormente, pela qual todos passam, a menina consola-se com a esperança de que, à medida que crescer, terá:

[...] um apêndice tão grande quanto o do menino. Aqui, o complexo de masculinidade das mulheres se ramifica. Uma criança do sexo feminino, contudo, não entende sua falta de pênis como sendo um caráter sexual; explica-a presumindo que, em alguma época anterior, possuía um órgão igualmente grande e depois perdera-o por castração. (FREUD, 1924/1996, p. 198)

Para Freud (1924/1996), nas meninas, o complexo de castração é quem introduz o complexo de Édipo, sendo esse uma formação secundária, uma vez que a menina aceita a castração como fato consumado diferentemente do menino, que teme a possibilidade de isso acontecer. Ele considera ainda o Édipo das meninas muito mais simples do que o dos meninos. Elas tentam se colocar no lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai, porém elas também tentam ser compensadas diante da falta de um pênis. É o que Freud chamou de equação simbólica. A menina tenta ser compensada diante da falta do pênis através de um deslizamento: do pênis para um bebê. “Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente— dar-lhe um filho” (Freud, 1924/1996, p.198). Freud diz ainda que os dois desejos: possuir um pênis e um filho permanecerão inconscientes e investidos na dinâmica do sexo feminino.

No texto *A dissolução do complexo de Édipo*, ele nos traz uma opinião contrária, indicando não ser mais simples essa questão nas meninas além de ser “muito mais obscuro e cheio de lacunas, ao afirmar que nelas o complexo de Édipo levanta um problema a mais que nos meninos ao se perguntar: diante do objeto original para ambos, que é a mãe, como ocorre que as meninas abandonem a mãe e tomem o pai como objeto? Elas fantasiam que o órgão delas é pequeno e ainda vai crescer. A partir de então, passam a ser vítimas da inveja do pênis: “ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (FREUD, 1923/1996, p.281). Na infância, as correntes sexuais são dirigidas para uma única pessoa – a mãe. O que se mostra de diferente da puberdade é que na infância,

[...] mesmo não se realizando uma combinação adequada das pulsões parciais sob a primazia dos órgãos genitais, no curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse nos genitais e em sua atividade adquire uma significação dominante, que está pouco aquém da alcançada na maturidade. Ao mesmo tempo, a característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. (FREUD, 1923/ 1996, p.158)

Freud vem dizer mais ao mostrar que a escolha de um objeto se dá na infância e não apenas na puberdade, pois, para meninos e meninas, o primeiro objeto de amor é a mãe. Na própria dinâmica edípica o que se dará é que ambos abandonem a mãe. Meninos farão esse movimento de uma forma diferente das meninas. O que se configura como pano de fundo nesse momento do complexo de Édipo é a diferença sexual que está se estabelecendo para as crianças, uma vez que, antes desse tempo, não era possível pensar na diferença. Dessa forma, a infância vem a ser um tempo primeiro e necessário para a constituição ou organização da sexualidade humana.

Outro ponto de importância para esse trabalho diz respeito aos dois tempos da escolha objetal. Freud nos diz que a escolha se dá em dois tempos, pois o caminho para o encontro ou reencontro com o objeto sexual já vem sendo preparado desde a infância. Será na puberdade que acontecerá o primado das zonas genitais a serviço da reprodução. A primeira escolha de objeto acontece por volta dos dois e cinco anos e retrocede por conta do período de latência e a segunda se dá com a puberdade.

Em *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud (1924/1996) nos diz que a criança por ocasião da destruição do complexo, abandona o investimento nos objetos parentais e o substitui por identificações, introjetando a autoridade dos pais ou do pai. Se a identificação for com o pai, no caso do menino, Freud considerava tal resultado como o mais normal, o que caracterizaria a masculinidade. A identificação ao pai é o que permite que estejamos na lógica fálica, porque é o falo que permeará todas as relações humanas na medida em que é a partir dele que qualificamos a nossa existência entre ter e não ter algo.

As identificações da infância permanecerão durante longo tempo ou durante toda a vida. Sabemos que as primeiras identificações se dão com os pais e isso será diferente para meninos e meninas. Freud (1923/1996), no texto *O ego e o id*, considerava o tema das identificações complicado em virtude dos fatores a seguir: o caráter triangular do complexo de Édipo e a constituição bissexual de todo indivíduo, fazendo com que neste último aspecto a criança possa se identificar à mãe ou ao pai independente do sexo a que ela pertença. Ainda que essas questões sejam de fundamental importância na teorização freudiana, neste trabalho não as desenvolvemos. Enfocamos o tema das identificações para pensarmos como se dá a passagem “normal” pela adolescência.

É no tempo da adolescência que os adolescentes passam a tomar algumas pessoas como referências, modelos, que podem ser fonte de admiração ou de contestação, por

apresentarem opiniões que vão de encontro ao que pensam ou consideram correto. Para alguns adolescentes, o que é correto se refere ao que eles que aprenderam com o pai, com o professor ou com outras pessoas mais próximas. Os pais, por sua vez, passam a se queixar dos filhos nessa fase, uma vez que, aquela criança que, anteriormente, era dependente deles e confiava sobremaneira neles, passa agora a questioná-los, confrontá-los. Não compartilha mais suas dificuldades, suas questões com eles.

No artigo. Algumas *reflexões sobre a psicologia escolar*, Freud (1914/1996) também se refere à importância das relações estabelecidas na infância com pessoas importantes para a criança, além dos pais. Diz-nos que todas as relações que posteriormente ela poderá estabelecer terão a ver com substituições *desses primeiros objetos de seus sentimentos*. Para Freud, é uma espécie de “herança emocional” que comparecerá nos relacionamentos posteriores e destacará nesse artigo a *imago* do pai como sendo a mais importante para um jovem ou um homem. O pai amado, admirado na primeira infância, passará a ser considerado como o perturbador, a quem se deseja eliminar. Freud (1914/1996, p.249) chama nossa atenção nesse ponto para o caráter ambíguo dessa relação que “poderá durar até o fim da vida”. É com o desligamento do pai por parte da criança, o que se dará, segundo Freud, na segunda metade da infância, que entrarão aí os pais substitutos:

[...] Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa. Confrontamo-los com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias, e, ajudados por ela, lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso. (FREUD, 1914/1996, p.250)

Nos versos cantados por muitos, escutamos o quanto os adolescentes mostram-se contestadores e revolucionários e, ao mesmo tempo, mostram algo de muito próximo às figuras parentais, como podemos ver nos versos de algumas músicas: “Como os nossos pais” de Belchior, *ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais*, ou “Pais e filhos” de Renato Russo, *quero colo, vou fugir de casa posso dormir aí com vocês, estou com medo tive um pesadelo...* ou *Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo. São crianças como você*.

Na adolescência, cronologicamente não se está mais na infância, mas o jovem ainda não pode ser considerado um adulto. O adolescente está entre esses dois momentos. A adolescência é um tempo, tempo de elaboração para se despedir da infância. E como vivenciar

esse tempo sem continuar agindo como a criança que pode recorrer aos pais? E como começar a responder em nome próprio para algumas situações, mesmo não sendo possível ainda para todas? Consideramos que a adolescência traz uma dificuldade pelo próprio fato de ser um tempo intermediário e indeterminado para alguns. Não é a idade cronológica que mediará as atitudes do adolescente. Alguns adolescentes passarão pela adolescência, enquanto outros tentarão estendê-la ao máximo.

Responder frente ao sexual é se comprometer e se responsabilizar por suas escolhas e atos. Notamos o quanto isso é difícil para alguns, que demorarão a vida inteira para sair da casa dos pais, por exemplo. Sabemos que cada tempo de vida tem suas particularidades, mas por que costumamos escutar nessa fase as maiores dificuldades? Talvez não possamos caracterizá-las como maiores, mas sim que na adolescência as dificuldades aparecem com mais intensidade, uma vez que muitas situações nunca tinham sido experienciadas, bem como por ser a primeira vez que os adolescentes terão que responder a essas situações em nome próprio. O que se torna mais difícil é que os adolescentes não poderão se valer mais da mesma forma do que já foi vivido por eles na infância para lidar com as questões atuais. Na adolescência, carregamos as marcas da infância decorrentes da vivência do complexo de Édipo. Essas marcas ficarão recalçadas e acompanharão o sujeito durante toda a sua vida.

Na saída do complexo de Édipo, vemos que os adolescentes “normais” precisarão se identificar ao pai para que *a posteriori* possam ocupar uma posição “madura” na vida que não é mais agir como uma criança e muito menos como um adolescente. Carregar as marcas da identificação ao pai não significa dizer que o adolescente será tal qual as figuras parentais que o constituíram, mas sim que ele se valerá de alguns traços: modo de vestir, profissão que vai seguir, etc. Carregar alguns traços não significa dizer que “se é tal qual o pai ou a mãe”, mas sim que essas marcas estarão presentes na vida de cada sujeito quer ele se dê conta disso ou não.

Lacan (1957-1958/1999, p. 176), no *Seminário 5*, quando se refere ao artigo freudiano, *A dissolução do complexo de Édipo* diz que nesta fase terminal do complexo não se trata de o menino ser um pequeno macho, mas de ele pode tornar-se alguém, pois já está com os “títulos de propriedade no bolso, com a coisa guardada” e quando chegar o momento da puberdade poderá se valer do seu órgão juntamente com o seu certificado.

### 3 LACAN: A FUNÇÃO PATERNA E A ADOLESCÊNCIA

Ainda que Lacan não fale especificamente da adolescência, privilegamos as teorizações sobre o complexo de Édipo, o complexo de castração e a função paterna realizadas por ele nos *Seminários 4* e *5*. São teorizações que nos ajudam a pensar a adolescência, uma vez que Lacan parte do que foi teorizado por Freud acerca do complexo de Édipo e as saídas desse.

No primeiro tópico, vimos que Freud também não abordou especificamente a adolescência, mas construiu conceitos como o de complexo de Édipo e de castração que possibilitam o estudo da sexualidade humana e conseqüentemente da sexualidade do adolescente. Se a criança se confronta com a castração e terá de responder a ela, o adolescente também se verá confrontado com a castração; só que agora esse confronto exigirá dele um posicionamento e ele não poderá se valer do que já foi vivido por ele até então.

Ainda que o jovem se encontre ainda muito ligado aos pais, os quais precisarão assumir a responsabilidade por alguns atos cometidos por ele até que este atinja a maioridade, é no tempo da adolescência que, segundo Rocha (2003, p.119), “ele é chamado a assumir a responsabilidade plena pelo seu sexo, que essa castração é plenamente enfrentada como sua.”

Trata-se de um momento difícil, doloroso e ambivalente. Alguns adolescentes experimentam uma solidão. Alguns se recusam em dividir as dificuldades com alguém, como se fosse para não demonstrar a necessidade de precisar do outro. Observamos, assim, ser a adolescência um tempo permeado de contradições. Há os adolescentes que se mostram onipotentes mesmo diante de algo que não sabem como resolver sozinhos; outros estabelecerão laços, dividindo com pares suas dificuldades. Escutamos familiares relatando o quanto ficam preocupados com os filhos que ficam trancados o dia inteiro no quarto utilizando a internet e também pais reclamando que os filhos adolescentes não param em casa, porque passam o maior tempo na rua com os amigos.

É na adolescência que uma posição sexual poderá ser assumida em nome próprio com todas as dificuldades que isso exige, pois é um segundo tempo de constituição. Desde a infância, a criança vem sendo confrontada com a castração. Poderíamos pensar então a adolescência como uma continuidade desse tempo infantil, porém, o que nela temos, é um tempo outro, tempo de corte com o mundo infantil.

Os adolescentes passarão por esse tempo de corte no qual deverão se tornar homens e mulheres, mas essa constituição já vem se dando desde a infância. Segundo Rocha (2003, p.120), na puberdade “o que se instala é uma série, justamente a série dos cortes, a única em que o sujeito pode se contar e, assim, se contando, ex-sistir como sujeito.”

No *Seminário 5*, Lacan (1999), ao se referir à função do Édipo, apresenta os dois termos que dizem respeito à função: a virilidade a feminização. Trata-se aqui, como nos mostra Lacan, que uma mulher possa assumir um “certo tipo feminino” e, o homem, um “tipo viril”. Lacan se refere a assunção do próprio sexo pelo sujeito. Isso nos traz mais uma questão no que tange à adolescência. Nela, meninos e meninas poderão se utilizar de seus sexos, ou melhor, ambos podem se utilizar de seus sexos para encontros sexuais. Na infância, isso não era possível. Seriam essas as possibilidades de uma adolescência normal: a virilidade e a feminização?

Lacan, ao falar do falo no *Seminário 5*, refere-se a ele como um símbolo fundamental da marca da entrada do significante no campo do desejo, entrada que implica “que o desejo do sujeito tem que se fazer reconhecer como tal, quer se trate do homem, quer se trate da mulher” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 285). Lacan diz ainda que o desejo tem no sujeito a referência fálica, uma vez que a virilidade, por exemplo, só pode ser assumida se tiver em conformidade com o significante falo. Na dinâmica do complexo de Édipo, relativa ao primeiro tempo teorizado por Lacan, vemos que a menina se supõe provida de um falo e se dirigirá a mãe acreditando que ela também tenha um falo.

Lacan cita ainda a anatomia feminina e a presença do clitóris para reforçar a fantasia fálica na menina, que se aferrará por um tempo à crença de que seu pequeno órgão é um pênis diminuto. É com a decepção de que não terá o pênis que a menina poderá entrar em uma posição feminina e assim acessar a feminilidade. Nas meninas, pela decepção, ela poderá ter acesso ao pênis “por intermédio da apreensão do pênis no varão, quer ela o descubra em algum companheiro, quer o situe, ou o descubra igualmente, no pai” (LACAN, 1957-1958/1999, p.287).

Tanto para homens quanto para mulheres, o falo tem um lugar de referência, como aquilo que intermedia, como um significante fundamental que permitirá que ambos, cada um a seu modo, possam ocupar uma posição feminina ou masculina. A noção de falo é central na teorização lacaniana. É situada como um significante que vem dizer da falta constituinte dos sujeitos, uma vez que perderam a natureza animal. Diante da perda que é constituinte do

sujeito falante, introduz-se uma problemática que será a sua dependência ao desejo do Outro. Seu pedido será sempre dirigido a um outro, que nunca responderá a contento. O falo passa a ser um “símbolo geral da margem que sempre me separa de meu desejo, e que faz com que meu desejo seja sempre marcado pela alteração que ele sofre em decorrência da entrada no significante” (LACAN, 1957-1958/1999, p.284).

Importante destacar que o falo sendo um significante só desempenha sua função enquanto velado, por estar sempre apontando para a falta de objeto, apesar de acreditarmos que exista um ou vários objetos de satisfação.

O que estamos considerando “normal” se refere à possibilidade de submetimento à norma fálica que vem em decorrência da entrada da função paterna. A função diz respeito ao que será apresentado à criança por ocasião do complexo de Édipo. Isso requer que a criança introjete as normas morais e, como dizia Freud, que ela possa ter como herdeiro desse complexo, o superego. Sendo assim, precisamos destacar como isso se dá para moças e rapazes. A função paterna, para Lacan, a função do pai está no centro da questão do Édipo. No *Seminário 5*, Lacan (1999,p.180) nos interroga sobre o que é o pai no complexo de Édipo, uma vez que, na família, ele pode ser o que quiser. Indica que “o pai, aí, não é um objeto real, mesmo que tenha de intervir como objeto real para dar corpo à castração”.

Lacan discorrerá sobre a função do pai no *Seminário* citado e dirá que a função do pai é ser um significante, significante que substitui o primeiro significante, o significante do desejo materno. O pai vem em lugar da mãe, mas, a mãe, segundo Lacan, já está ligada a um x que é uma incógnita de seu desejo. Esse x podemos aproximá-lo do falo, que, nesse momento, diz respeito às idas e vindas da mãe. Segundo Chemama & Vandermersch (2007, p.141), o falo é o “significante que designa o conjunto dos efeitos do significante sobre o sujeito e, em particular, a perda ligada à tomada da sexualidade na linguagem”.

Vejamos como se dá esse momento no qual meninos e meninas passam pelos três tempos do Édipo. No *Seminário 5*, Lacan desenvolve a noção de metáfora paterna. Diante da simbolização primordial entre a criança e a mãe, a metáfora vem dizer da colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe. Lacan (1999) se utiliza de um ternário imaginário e de um ternário simbólico para mostrar essa relação metafórica ou substitutiva de um significante por outro. No primeiro ternário, o imaginário, temos a criança, a mãe e o falo, sendo, o último, o objeto que intermedia a relação entre os dois primeiros. Lacan nos diz que existe toda uma ordem simbólica por trás da mãe e da qual ela depende.

No desenho feito por Lacan, no qual aproxima os ternários imaginários e simbólico, ele indicou haver uma relação de simetria entre *falo*, o qual colocou no vértice inferior do ternário imaginário, e *pai*, que situou no vértice inferior do ternário simbólico. Segundo Lacan (1999), não há uma simples simetria entre ambos, mas, sim, ligação metafórica, que nos levará à dinâmica do complexo de Édipo, isso nos faz pensar que a dinâmica edípica é fálica por excelência, ou melhor, se o falo já está desde o primeiro momento, no qual vemos a mãe e a criança numa relação muito íntima, haverá a possibilidade de entrada do significante pai, permitindo à criança a vivência edípica fálica.

O primeiro tempo edípico é aquele no qual a criança é tida em boa conta para a mãe e vice-versa; a mãe é o primeiro objeto de amor da criança e a criança figurará para a mãe como objeto de seu desejo, desejo esse do qual ela mesma não sabe. Trata-se do tempo em que a criança se configura como sendo o falo para a mãe. Lacan (1957-1958/1999, p.198) diz que esse primeiro tempo é a etapa fálica primitiva, porque a metáfora age por si mesma: “uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo do discurso e da lei”.

Sendo assim, atentemos que o pai já está lá, porém velado ou ainda não aparece, existindo na realidade do mundo. Trata-se nesse momento de a criança se colocar no lugar do objeto de desejo da mãe, uma vez que tenta satisfazer o desejo da mãe: “to be or not to be o objeto do desejo da mãe” (LACAN, 1999, p.197). A mãe, por estar imersa na linguagem, portanto, no simbólico, também estará diante da falta ou em busca de seu próprio desejo.

No segundo tempo, segundo Lacan, o pai intervém como aquele que priva a mãe, no plano imaginário. A privação é um ato real porque aqui o pai não aparece mais como presença velada, mas de um modo em que a mãe media a palavra dele, que “intervém efetivamente como privador da mãe”. (LACAN, 1957-1958/1999, p.198). Nesse tempo, a mãe é remetida a uma lei que não é mais a dela, mas a de um Outro. Aqui o que se configura é a palavra do pai, o peso e o submetimento a essa palavra, uma vez que um pai pode estar presente, mas pode não ter nenhum efeito para a mãe e não o terá também para a criança. Nesse momento, acontece algo de muito importante que é a criança “ser desalojada, para seu grande benefício, da posição ideal com que ela e a mãe poderiam satisfazer-se” (LACAN, 1957-1958/1999, p.210). Perdendo essa posição, a criança tem a possibilidade de vivenciar o terceiro tempo.

No terceiro tempo, o pai é o que tem o falo: “ele pode dar à mãe o que ela deseja”. A saída do complexo dependerá desse terceiro tempo. Lacan (1957-1958/1999, p.201) nos diz que aí “o pai intervém como real e potente”. A criança identifica-se com o pai. Lacan chama essa identificação de Ideal do eu. A identificação se inscreve no triângulo simbólico no pólo em que está o filho, já que no nível do pai começará a se constituir tudo o que depois será o supereu. O ideal do eu diz respeito aquilo que o sujeito trocou do seu narcisismo “para abrigar um ideal elevado do ego” (FREUD, 1914/1996, p.101).

A noção de função paterna é de suma importância neste trabalho porque é a função paterna que concerne à função do pai e que incidirá sobre os desejos infantis pela mãe uma vez que deverão ser recalçados, dando ao sujeito a possibilidade de se dirigir a outros objetos sexuais na vida. No *Seminário 5*, Lacan(1999) indicou que não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai. No *Seminário 4*, Lacan (1956-1957/1995, p.204) diz que, quanto ao pai, *isso não é tão simples* e fala do significante pai, da existência deste no plano simbólico e se pergunta: *como foi que tal função veio ao centro da organização simbólica?* Lacan (1957-1958/1999, p.187) vem nos dizer que “pelo simples fato de vocês instituírem uma ordem simbólica, alguma coisa corresponde ou não à função definida pelo Nome-do-Pai”.

Lacan (1995), no *Seminário 4*, faz um destaque ao fato de que, se a função do Édipo é normativa, não basta que o sujeito se dirija a um objeto sexual. Sua escolha tem de ser heterossexual.

Nossa experiência nos ensina também que não basta ser heterossexual para sê-lo conforme as regras, e que existem todas as espécies de formas de heterossexualidade aparente. A relação francamente heterossexual pode ocultar, ocasionalmente, uma atipia posicional a que a investigação analítica vai nos mostrar ser derivada, por exemplo, de uma posição francamente homossexualizada. Portanto, não basta que o sujeito, depois do Édipo, alcance a heterossexualidade, é preciso que o sujeito, moça ou rapaz, chegue a ela de forma tal que se situe corretamente com referência à função do pai. Aí está o centro de toda a problemática do Édipo. (LACAN, 1956-1957/1995, p.206)

Lacan (1995), no *Seminário 4*, nos diz que é preciso que o sujeito se situe corretamente com referência à função do pai. A justa situação do sujeito com referência à função do pai envolve que ele próprio aceda um dia a essa posição tão problemática e paradoxal de ser um pai. Lacan está se referindo a um ponto destacado por ele também no

*Seminário 5* ao dizer que o complexo de Édipo tem uma função normativa, não apenas em relação à estrutura moral do sujeito ou às suas relações com a realidade, mas também é normativo no que diz respeito a assunção de seu sexo, ou melhor, que uma mulher possa assumir um certo tipo feminino e o homem assumir um certo tipo viril.

Quando Lacan se refere no *Seminário 5* (1957-1958/1999, p.174) a um ponto bastante discutido socialmente para justificar os porquês de um determinado adoecimento nos sujeitos –a presença excessiva do pai ou se foi sua carência –, ele destaca que nesse ponto entramos num mundo “movediço” por haver uma confusão que está relacionada ao pai como normativo e ao como pai normal. São pontos diferentes, porque o pai pode não ser normal e isso terá consequências para a criança. Também pode ser normal, mas não ser normativo, tal qual o pai do pequeno Hans. Um outro ponto importante é “a questão de sua posição na família que não se confunde com uma definição exata de seu papel normatizador”, pois ele pode ser carente na família, mas não no complexo.

Não se trata apenas de sua presença real na família. Se assim fosse, bastava o pai estar presente em carne e osso e Édipos normativos se dariam. Há que se considerar o aspecto simbólico do Pai, sua posição que está para além de sua presença real. Lacan faz questão de destacar no referido *Seminário* que o pai intervém, conforme já citado por nós anteriormente, interditando a mãe, representando uma proibição: “É por toda a sua presença, por seus efeitos no inconsciente, que ele realiza a interdição da mãe” (LACAN, 1957-1958/1999, p.174).

A função do pai está no centro da questão do complexo de Édipo, uma vez que num primeiro tempo é a mãe quem apresentará para a criança as primeiras realidades de seu contato com o mundo, mas há que se ultrapassar esse tempo. Para tanto, deverá entrar o pai que possibilitará um para além da relação da criança com a mãe. A função paterna diz respeito à função do pai e, como toda função, sempre estará em relação a uma incógnita. A matemática nos mostra o que vem a ser uma função, quando diz  $f(x)$ . Trata-se de algo que estará em relação intrínseca com o  $x$ . Trazendo para a teoria psicanalítica lacaniana, o  $f$  é a função do pai diante do  $x$ , do desejo da mãe, o que Lacan desenvolve como uma metáfora (1957-1958/1999, p.180): “um significante que surge no lugar de outro significante”. A função do pai substitui o primeiro significante, que é o significante do desejo materno.

A partir das questões trazidas por Lacan, também trouxemos a contribuição do psicanalista Charles Melman que, em seu texto *A função das mães no dia de hoje*, destaca que, do lado das mães, não há função, uma vez que a função diz respeito ao que competiria ao

pai, o qual está sustentado na referência fálica. Do lado da mãe, não há referente algum. Como vimos, é o pai quem deverá encarnar a função para a criança possibilitando que essa se confronte com a castração para que assim lhe sejam transmitidas as insígnias fálicas.

Para Melman, que concorda com Lacan, a função é paterna, portanto, ele diz que os interditos exercidos pela mãe raramente ou mesmo nunca terão o efeito que poderá ter a castração. Com a adolescência, haverá uma crise identificatória. O adolescente esperava que o pai pudesse agora lhe entregar as chaves que possibilitariam a ele ir adiante, mas o adolescente se confronta com um pai faltoso, um pai que “surge ele próprio como não o tendo, isto é, sendo incapaz de dá-lo a seu produto, a seu filho: ele parece ou impotente, ou castrado porque este pai também está submetido à castração, à falta” (MELMAN, 1995, p.12).

O adolescente vai ter de se “virar” sozinho com aquilo que já lhe foi transmitido pelo pai, ou melhor, com a falta. Parece paradoxal porque só é possível para o adolescente avançar na vida se algo já lhe foi transmitido e, no entanto, esse objeto que o adolescente esperou receber do pai na adolescência não existe, uma vez que o pai não o tem.

Charles Melman (1995) defende a idéia de que a adolescência é um tempo de crise e se interroga quanto à existência ou não de uma questão particular do pai na adolescência, como podemos observar em seu texto *Haveria uma questão particular do pai na adolescência?*. Para este autor, “crise psíquica” diz respeito a:

[...] necessidade introduzida no funcionamento psíquico pelas modificações do estatuto social: quero dizer, o convite urgente, obrigatório, necessário, geralmente feito para que se adote um novo papel e se assuma novos encargos, e, entre outros, entre-se na comunidade que chamarei, bastante provisoriamente, dos “responsáveis”, responsabilidade não apenas legal, mas evidentemente psíquica, isto é, concernente à capacidade de assumir o novo papel imposto. (MELMAN 1995, p.7).

Ao considerar a adolescência como crise psíquica, Charles Melman (1995) vem nos dizer do quanto o adolescente será chamado a responsabilizar-se por seus atos e, conseqüentemente, a assumir uma responsabilidade subjetiva. Por conta do convite para que ele ocupe outra posição na qual sua singularidade seja ouvida, assim como seria o esperado de cada um – “que sejamos capazes de testemunhar nossa pequena diferença” (MELMAN, 1995, p.09) –, o adolescente enfrentará dificuldades para responder a esse convite, uma vez que não encontrará nada que possa auxiliá-lo nesse momento, a não ser a própria solidão em relação

ao Outro, pois não sabe o que esse espera dele. Lacan (2006) definiu o Outro como sendo o lugar da fala, que pode vir a ser representado por um vivente real, mas não só, a quem os adolescentes esperam alguma resposta às suas questões, a quem eles se dirigem mesmo que seja para questionar.

A crise identificatória ocorre porque, mesmo esse pai se mostrando falho, é com que esse pai que o adolescente poderá se identificar. Com isso, o adolescente rejeitará a castração e tentará elaborar ou mesmo constituir para si uma normalidade que não passe por ela, tentando construir e participar, por exemplo, de grupos de iguais que são tão comuns nesse período. A lógica de tais grupos é pautada num ideal onde sobressaia a igualdade e a alteridade esteja de fora, como uma tentativa de rejeitar a castração.

Outro ponto destacado por Charles Melman (1995) diz respeito ao fato de o adolescente viver esse período de crise se sentindo sozinho, pois perdeu o estatuto que tinha quando criança na família, que era o estatuto de falo e agora na adolescência ainda não encontrou um outro. Charles Melman destaca ainda em relação à adolescência a transformação da relação que o adolescente passa a ter com o saber, quando o saber dos pais e dos professores e de outras pessoas, que representaram autoridade, parece não atender mais aos seus questionamentos, caindo em descrédito.

É na adolescência que passarão a questionar e mesmo desacreditar dos pais e/ou de outras pessoas que, num momento anterior, serviram de referência para eles. Os adolescentes se questionam do quanto os pais não o entendem mais, fazendo com que os mesmos recorram, na maioria das vezes, aos pares ou mesmo a alguém que pode ter para com eles uma relação de igualdade e de similaridade; daí a participação frequente dos adolescentes em grupos, nos quais os participantes tenham traços em comum, quer seja nas vestimentas, no modo de falar ou em ideologias.

Freud, em seu texto *Algumas considerações sobre a psicologia do escolar*, já falava sobre a ambivalência presente na relação das crianças com seus pais, os quais figuraram num primeiro tempo como heróis, como aqueles que sabem tudo. Na adolescência, os pais já não sabem de nada.

No texto *O que é um adolescente?*, Charles Melman (2000) diz que o fenômeno da adolescência é algo recente. No referido texto, destaca que os adolescentes só serão reconhecidos como homem ou como mulher quando passarem a ser agentes econômicos já que o atingimento da 'maturidade' e o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários

não lhes garante um reconhecimento simbólico em nossa sociedade. Nos seres falantes, a maturidade fisiológica, a partir de determinada idade, não é garantia de que um adolescente possa ser definido como *maduro*, uma vez que encontramos adultos que permanecem na adolescência. Portanto, Charles Melman nos diz que há uma distância entre a maturidade fisiológica e a maturidade social, o que passou a acontecer com o desenvolvimento da sociedade burguesa:

O fenômeno da adolescência, como o chamamos aqui, é, portanto, um fenômeno mais ou menos recente, que significa para o jovem algo de muito preciso: significa que ele será reconhecido como um homem ou como uma mulher apenas quando tiver se tornado um agente econômico, que é preciso que ele aguarde essa nova ascensão a uma independência econômica para que se aceite simbolicamente o reconhecimento de sua sexualidade. (MELMAN, 2000, p. 21)

Em nossa cultura, os adolescentes só recebem um aval da família para saírem de casa ou mesmo constituírem sua própria família ou morarem sozinhos depois do início ou término de uma graduação ou após conseguirem um emprego, ou seja, quando conseguem certo *status*, por se acreditar que assim há certa conquista de independência para o adolescente. Mas, a estabilidade financeira não está vinculada àquilo que poderíamos considerar como o atingimento de uma maturidade. É sempre difícil precisar o que é ser alguém maduro, talvez pudéssemos reconhecer traços de maturidade quando se começa a apresentar responsabilidades diante das situações da vida. Em se tratando da sexualidade do adolescente dizer que alcançou uma maturidade se torna mais difícil ainda, uma vez que a sexualidade do falante independente de ele ser um adolescente ou adulto é sempre algo problemático no sentido de que nossa sexualidade está sempre referida a um outro, uma vez que dependemos de um outro para que este nos reconheça.

Segundo Melman (2000), a sociedade capitalista tem exigido que os adolescentes priorizem a necessidade econômica em vez da necessidade sexual, que privilegiem a necessidade e não o desejo. Notamos nos dias atuais o quanto o público adolescente é bastante consumista e exigente com os bens de consumo que adquirem. Melman defende a idéia de que o consumismo acaba se tornando algo da ordem de uma necessidade para os adolescentes, necessidade de obter bens de consumo e cada vez mais rápidos, a exemplo dos aparelhos eletroeletrônicos como smartphones, tablets, aparelhos de celular.

E quanto ao desejo? Melman se pergunta. O desejo parece não estar sendo privilegiado em nossa cultura. O desejo é o que coloca o adolescente e todos nós diante da falta, que nos é constitutiva e da qual não queremos saber. Estar em falta é desejar. O desejo tem seus incômodos, requer lidar com um tempo de espera do tipo: “eu não posso hoje, mas devo esperar um tempo” e o adolescente é alguém que não quer e que não gosta de esperar. Além disso, os adolescentes podem experimentar na adolescência – momento de ruptura e corte – dificuldades diante de todas essas mudanças que se somam às dificuldades nas relações estabelecidas com o outro sexo, com amigos e com familiares. Tais dificuldades, por vezes, requerem a intervenção de alguém, quer seja um familiar ou mesmo um profissional. Tudo é novo e tende a ser sentido com muita intensidade, o que pudemos observar nas amizades que se pretendem duradouras e nos primeiros relacionamentos amorosos.

Alguns adolescentes se verão confrontados a saírem do lugar e caminhar mesmo com todas as dificuldades e com tudo aquilo que ainda não sabem, enquanto outros se verão paralisados, impossibilitados de irem adiante. Diante destas circunstâncias poderíamos dizer que para alguns haverá uma precipitação de sujeito? A noção de sujeito diz respeito ao sujeito desejante a partir do que Freud pode descobrir desde a publicação do texto “A interpretação dos sonhos”, portanto, o sujeito do desejo está no inconsciente. Ainda que Freud não tenha denominado sujeito do inconsciente tal como o fez Lacan, estamos nos referindo ao inconsciente quando falamos de sujeito; sendo assim, importante ressaltar que o inconsciente funciona numa outra lógica, numa atemporalidade, e ao nos referirmos ao adolescente destacamos que para a psicanálise esta fase está para além de uma idade cronológica, mas não deixa de incluí-la. Trata-se aqui de uma temporalidade lógica, temporalidade subjetiva. Lacan discorre sobre isso em seu texto “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada- Um novo sofisma)” onde apresenta a modulação do tempo com a qual o sujeito lida e o divide em três momentos: *o instante de olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir*. Trata-se aqui de uma temporalidade subjetiva que aparecerá sempre em forma de uma certeza antecipada de um saber que não se sabe.

Podemos observar um bom exemplo do funcionamento inconsciente e a temporalidade lógica no personagem Melchior na cena do cemitério da peça “O despertar da primavera” do dramaturgo alemão Franz Wedekind de 1860. Este autor ao apresentar a adolescência e seus dramas especialmente os sexuais, antecipa Freud e Lacan porque mostra como os adolescentes vão começar a se interessar pelo sexual, a falar e a se questionar sobre

isso. A peça como o próprio nome nos sugere apresenta um recorte do despertar da sexualidade tendo como personagens principais os adolescentes Melchior, Moritz e Wendla. Na cena do cemitério se encontram mortos: o melhor amigo de Melchior: Moritz e Wendla com quem Melchior tivera um relacionamento amoroso que após ficar grávida, realiza um aborto e morre; Moritz chama Melchior para vir com ele para o mundo dos mortos, porém, nesse ínterim aparece o Homem Mascarado que convida Melchior a também ir com ele, mas não para o mundo dos mortos e sim, para um outro lugar do qual Moritz não sabe e não tem como saber. Moritz toma uma difícil decisão: vai embora com o Homem Mascarado, vai com a vida? Porque mesmo sem conhecê-lo, Melchior dá uma resposta e vai com ele. Podemos aproximar a resposta de Melchior à manifestação mesma da emergência subjetiva, uma vez que ele se precipita ao dar uma resposta para alguém que não conhece.

Melchior se vê confrontado com o sexual, se pergunta sobre isso e nesse momento parece não se mostrar muito interessado nos estudos como podemos observar nesta passagem da peça: *“E com as meninas vai acontecer a mesma coisa. Você acha que umas idéias não vão começar a borbulhar na cabeça delas? Eu sei que as meninas são um pouco diferentes. Acho que não é a mesma coisa. A verdade é que a gente não sabe. Mas dá pra imaginar. Não dá pra imaginar? O instinto, as idéias, a cama. A curiosidade cuida do resto.”*

Neste pequeno recorte da peça podemos observar como a adolescência é um tempo particular para cada um, no qual alguns manifestarão sua subjetividade pagando o preço de uma escolha enquanto outros adiarão esse tempo subjetivo para um depois quiçá para a vida toda.

#### **4 SOBRE O MÉTODO: A CONSTRUÇÃO DA PONTE ENTRE A ADOLESCENCIA E A PSICANALISE**

A realização de uma pesquisa em Psicanálise requer pensá-la sob três dimensões: a teórica, a clínica e a investigativa. Realizamos uma pesquisa do tipo teórica sem desconsiderarmos o aspecto clínico e o investigativo, os quais foram os instigadores do trabalho em decorrência da prática da pesquisadora com adolescentes. Como conseguir passar pelo período turbulento da adolescência e seguir adiante? Seguimos alguns pressupostos freudianos e lacanianos, tais como: complexo de Édipo, castração, sexualidade infantil, identificação, função paterna. A “escolha” desses pressupostos se pautou na consideração de não ser possível em Psicanálise a discussão sobre a “adolescência normal” sem a passagem por eles.

A pesquisa em Psicanálise se diferencia da pesquisa nos demais campos epistemológicos, uma vez que Freud destacou a indissociabilidade da pesquisa com o tratamento, o que se deu a partir de sua experiência clínica com as pacientes histéricas. Segundo Lo Bianco (2003, p.120), “é na referência ao material clínico que a pesquisa ganha seu colorido, sua vivacidade e, acima de tudo, sua originalidade em relação às pesquisas desenvolvidas em outros campos”. Sendo assim, a investigação foi construída metodologicamente a partir da leitura de textos freudianos e lacanianos e também de algumas questões da clínica fruto de nossa experiência com adolescentes.

Outro ponto que merece ser destacado é o fato de que, por ser uma pesquisa em Psicanálise, partimos do pressuposto do funcionamento do inconsciente e de suas formações levando em consideração a sua “sobredeterminação” durante todo o percurso metodológico, ou melhor, o que foi escrito e como foi escrito, bem como as questões e as dificuldades surgidas. O pesquisador “olha com outros olhos”, pois a pesquisa vai sendo estabelecida seguindo o pressuposto maior da Psicanálise, que é a existência do inconsciente (Freud, 1996). Isso repercute na forma que o pesquisador escreve, nos pontos de dificuldades enfrentados por ele, no privilégio de alguns textos e, no presente trabalho, na escolha do filme que foi analisado.

O pano de fundo desta pesquisa foi o estudo da função paterna e a “adolescência normal”, posteriormente surgiu a possibilidade de analisar o filme “Antes que o mundo acabe”, entrelaçando os pontos teóricos com passagens do mesmo.

Das contribuições freudianas utilizamos os textos que discutem a primeira infância, a puberdade, o complexo de Édipo e a adolescência: *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1996), *A organização genital infantil* (1996), *A dissolução do complexo de Édipo* (1996), *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1996), *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (1996), *O ego e o id* (1996), *Sobre as teorias sexuais infantis* (1996), *Romances familiares* (1909/1996).

A escolha desses textos ocorreu em virtude de serem textos freudianos nos quais se discute as primeiras vivências da criança com a sexualidade, bem como a discussão sobre o complexo de Édipo e suas implicações, ou melhor, como as marcas do complexo serão atualizadas na puberdade. Quanto aos textos lacanianos, fizemos uma investigação bibliográfica sobre o complexo de Édipo, o complexo de castração e a função paterna. Para isso, nos detivemos nos *Seminários 4*, “A relação de objeto” (1995), e o *Seminário 5*, “As formações do inconsciente” (1999).

A partir desse percurso teórico, buscamos realizar um entrelaçamento da noção de função paterna com a análise do filme *Antes que o Mundo Acabe*, da diretora Ana Luiza Azevedo (2010). O filme brasileiro foi baseado em obra homônima do escritor gaúcho Marcelo Carneiro da Cunha, com roteiro de Ana Luiza Azevedo, Jorge Furtado, Paulo Halm e Giba Assis Brasil. Assistimos algumas vezes o filme e, a cada vez, algum ponto se destacava para nós no que tange à função paterna.

O filme “Antes que o mundo acabe” (2010) retrata a vida de três adolescentes: Jasmim (Mim), Lucas e Daniel (protagonista). O filme apresenta dilemas vividos pelos três adolescentes, especialmente por Daniel, bem como a rivalidade entre os dois rapazes pela personagem Mim. Daniel, que nunca teve notícia de seu pai biológico, passa a receber correspondências dele vindas da Tailândia. O nome do filme é o nome da exposição fotográfica realizada pelo pai de Daniel, que também se chama Daniel.

Para a discussão do filme, foi privilegiada a seguinte sequência para a apresentação do material: da cena em que Daniel recebe a primeira carta de seu pai biológico até o momento em que recebe um convite para ir ao seu encontro. Entre as duas cenas citadas, destacamos ainda passagens do filme em que Daniel apresenta suas inquietações diante de questões da própria adolescência, como o fato de a namorada lhe pedir um tempo e a traição por parte do melhor amigo. Privilegiamos tal sequência porque acreditamos que as cenas

escolhidas nos ajudam a pensar a respeito da função paterna e também a respeito da possibilidade ou não de existir uma “adolescência normal”.

A cena da primeira carta foi o marco escolhido por nós porque é a partir dela que toda a trama se desenvolve, uma vez que Daniel decide abrir a carta e conhecer o pai biológico. Assim, a partir dela, apresentamos a dinâmica de vida do adolescente Daniel na relação com seus melhores amigos. Apresentamos como ele lida com situações comuns na adolescência: como ele se confronta com o primeiro namoro, com as traições, com as responsabilidades, com a escolha profissional e com sua família.

## 5 ANTES QUE O MUNDO ACABE

### 5.1 Chegou uma carta de ti para ti!

A família está reunida para tomar café da manhã e a irmã de Daniel diz: “Daniel, chegou uma carta de ti para ti”. A mãe a repreende e seu pai também. Daniel pergunta o que houve e o que ele fez. A irmã responde: “Não te preocupas. Dessa vez, não foi você!”. Antônio, padrasto do adolescente Daniel, coloca a correspondência na mesa e diz que é para ele. O adolescente pergunta: “O que é isso?”. A irmã diz novamente que é para ele e pergunta se pode abrir. Daniel, ao ler o remetente, afirma: “Não é para mim!”.

O remetente da carta é o pai biológico de Daniel, que também se chama Daniel, e que, a partir desse momento, começa a lhe enviar correspondências vindas da Tailândia, onde está trabalhando como fotógrafo. A chegada da primeira correspondência causou um mal-estar na família. Quando chegou, Elane, mãe de Daniel, a jogou no lixo, mas Antonio a recuperou, com a indicação: “Deixa ele (Daniel) decidir”. Nessa cena, o padrasto parece conferir a Daniel um *status* diferente daquele dirigido à criança, ao acreditar que o adolescente já tenha condições de decidir sozinho algumas coisas concernentes à sua própria vida, como abrir ou não as correspondências dirigidas a ele pelo pai biológico.

Antes de Daniel abrir a primeira correspondência, ele não sabe o que fazer com a carta, que passa um tempo em cima de sua escrivinha. Quando decide abri-la, depara-se com fotos e a seguinte frase: “*Esse é o meu trabalho: fotografar tudo o que houver de diferente enquanto ainda houver!*”. Na correspondência, o pai ainda escreveu: “*Oi, aposto que você não esperava por esta!*”. Daniel amassa a correspondência, mas decide lê-la após certo tempo.

Daniel abre a correspondência no seu tempo, o qual não é o de sua mãe nem o de seu padrasto. Daniel abre a possibilidade de conhecer e de se dar a conhecer para este pai – um pai que, embora distante, não deixara de ser uma referência, que, como tal, não poderia ser apagada.

Lacan (1956-1957/1995, p.204) aponta: “*o pai, isso não é tão simples*”. Lacan se refere aí à existência do pai no plano simbólico, do significante pai com tudo que esse termo comporta de problemático. No filme, a presença do pai biológico passa a ter importância para

Daniel no momento em que ele começa a enviar correspondências ao filho, o qual, por sua vez, decide abrir os envelopes em vez de jogá-los fora, como fizera sua mãe.

O adolescente passa a se fazer muitas perguntas quando as primeiras correspondências chegam para ele, como o fato de conhecer ou não um pai que aparece só agora em sua adolescência, o qual nem sabe para qual time ele torce. Ou ainda: “Por que querer conhecê-lo?”. Antonio, seu padrasto, que o criou desde os quatro anos de idade e a quem Daniel reconhece como pai, responde: “Porque ele existe e talvez porque as coisas não sejam tão simples assim”.

A partir da decisão de Daniel de conhecer seu pai biológico, ele passa a se confrontar com questões que até então não existiam para ele: quer saber sobre seu nascimento, como foi o relacionamento entre seu pai biológico e sua mãe, como se deu a separação entre os dois. Essas questões nos remetem à discussão do que significa a existência de um pai. A existência de um pai mostra-se para além de sua presença real. Lacan (1995) nos diz que existe uma esfera legal, a ordem simbólica, daí a existência de um pai se dá a partir das marcas simbólicas deixadas por ele, naquilo que é falado desse pai e como é falado, pois não é sua existência no plano real que garante a função paterna. Vejamos com Lacan (1957-1958/1999, p.173):

Se nos colocarmos no nível em que se desenrolam essas pesquisas, isto é, no nível da realidade, poderemos dizer que é perfeitamente possível, concebível, exequível, palpável pela experiência, que o pai esteja presente mesmo quando não está, o que já deveria nos incitar a uma certa prudência no manejo do ponto de vista ambientalista no que concerne à função do pai. Mesmo nos casos em que o pai não está presente, em que a criança é deixada sozinha com a mãe, complexos de Édipo inteiramente normais – normais nos dois sentidos: normais como normalizadores, por um lado, e também normais no que se desnormalizam, isto é, por seu efeito neurotizante, por exemplo – se estabelecem de maneira exatamente homóloga à dos outros casos.

O pai de Daniel, na mesma carta, pergunta-lhe: “*Por que eu estou te escrevendo? Boa pergunta!*”. Ele próprio responde. “*Eu mesmo gostaria de responder, mas a verdade é que eu não sei*”. Para o pai de Daniel, existem dúvidas quanto ao que é um pai, uma vez que ele se interroga acerca do filho, ou melhor, ele diz não saber nada da vida do filho até aquele momento; momento em que ele está com “malária”, “febre braba” e, por conta disso, está parado sem ter nada para fazer, o que o fez começar a pensar na vida: “*no que eu enquadre e no que eu deixei de fora*”. Parece que nesse momento o pai de Daniel, cujo trabalho envolve

“fotografar gente” como ele mesmo se refere, começa a enquadrar o filho em sua vida, incluindo-o em seu mundo, perguntando sobre a vida dele, para qual time ele torce, quem é seu melhor amigo. A inclusão tem efeitos na vida do filho.

A função paterna não se estabelece porque alguém colocou um filho no mundo. A função paterna está relacionada à ordem simbólica na qual somos constituídos, essa ordem que preexiste ao nosso nascimento. O pai de Daniel começa a falar para o filho de sua infância e da escolha de sua profissão. Em uma cena, ele diz ao filho, em tom de desabafo, que sempre se preocupou com muita gente e com ninguém em especial. Também conta como foi o relacionamento dele com a mãe de Daniel até o momento em que ela engravidou.

Daniel conta para os amigos sobre o seu pai, sobre o universo da fotografia e dos povos que ele fotografou. Daniel mostra interesse por fotografia, o que sinaliza o ponto com o qual ele parece se identificar com o pai: “Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal” (FREUD, 1921/1996, p.115).

Em uma das correspondências, o pai envia várias fotos, cada uma apresenta partes de seu corpo. Como um mosaico, Daniel vai tentando montar o corpo do pai com as fotos. É interessante notar aqui como Daniel vai dando corpo ao seu pai porque é assim que esse passa a fazer parte de seu discurso e, conseqüentemente, a existir para ele. Isso nos faz pensar na adolescência e nas mudanças do corpo. De um corpo infantil para um corpo que vai tomando forma, com características de um corpo de menina ou de um corpo de menino.

## **5.2 Nesse caso, só há uma coisa a fazer: pão!**

Antônio pergunta a Daniel o que houve, após vê-lo chegar em casa extremamente mal-humorado. Daniel responde: “*Meu melhor amigo está sendo acusado de ladrão por minha causa, tem um cara aí que diz que é meu pai e roubaram minha bicicleta!*”. Diante de tal resposta, seu padrasto o convida a fazer pão. Durante a feitura do pão por ambos, Antonio fala a Daniel sobre como foi conhecer a mãe dele e a ele, que tinha quatro anos na época. O padrasto relembra o quão difícil foi conquistar Elena, uma vez que Daniel figurava naquela ocasião como o detentor da atenção de sua mãe e era muito ciumento com ela, declarando “guerra” a ele, Antônio.

Freud (1923/1996, p. 193), no texto *A dissolução do complexo de Édipo*, discorre acerca da relação do menino com sua mãe: “O menino encara a mãe como sua propriedade,

mas um dia descobre que ela transferiu seu amor e sua solicitude para um recém-chegado”. A dinâmica edípica é permeada de sentimentos ambivalentes dirigidos aos pais, os quais devem desaparecer e serem substituídos por identificações. A cena que mostra Daniel conversando com o padrasto parece servir de exemplo dessa passagem edípica. Antonio figurava num primeiro momento para Daniel como um rival e depois como um herói.

### 5.3 Vocês já comeram vento?

Daniel mora em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul e possui dois grandes amigos: Mim e Lucas. Sai com os dois frequentemente para passear de bicicleta e se encontrarem na beira do rio para conversar. Daniel não sabe se Mim é sua namorada ou sua amiga. Lucas é seu “melhor amigo”. Mim faz parte de um triângulo amoroso com os dois. Daniel e Lucas dizem que não desistirão de Mim. E Mim também fica com os dois amigos. A rivalidade e a disputa aparecem na adolescência dos três, como podemos observar nos versos da música cantada por Mim: *“Acontece, porém, que eu não sei me entregar a um amor somente. Quando ando nas ruas, fico só namorando e olhando para toda gente!”*.

No filme, o personagem Daniel, diversas vezes, ao chegar em casa chateado vai direto para o seu quarto jogar, passa um bom tempo sozinho sem dividir o que está sentindo com os familiares, mas divide com os pares: Mim e Lucas. Charles Melman (1997) faz um destaque para dois traços muito comuns da adolescência, que é o ensimesmamento e a marginalidade. Conforme o autor, uma forma de minorar o isolamento social dessa fase é a busca por bandos ou grupos de jovens, nos quais há certa fraternidade entre eles, é como se eles se tornassem irmãos, pois há uma tentativa de a alteridade ficar de fora. Nesses grupos fraternos, há, portanto, reciprocidade e trocas de coisas:

Eles se trocam coisas, trocam os livros, passam a moto e, até mesmo, ao extremo, podem se trocar as meninas, mas em todo caso, inventa-se um sistema de trocas que não tem mais a ver com a dureza e a crueldade da nossa troca social. É um sistema, em última análise, simples: aquele que tem pode passar para o amigo, que pode passar ao outro e assim sucessivamente. Circula. As roupas também circulam. É uma sociabilidade na qual todo mundo é semelhante. Em geral, existe um chefe- não é democrático- que serve, justamente, de referente a título de ideal, é o mais corajoso, é aquele que, por suas qualidades, testemunha que escaparia à castração. É o cara que não tem medo de nada, que não respeita as convenções, que é capaz de ousar. (MELMAN, 1997, p.36)

Em outra cena do filme, os adolescentes Daniel, Mim e Lucas sentam-se para conversar no meio de uma estreita ponte feita de madeira sobre o rio Caí. Conversam sobre os seus destinos, o que fazer, para onde ir após o término dos estudos secundários, que curso escolher, que cidade morar, com quem morar. Atravessar a adolescência não é como o atravessamento de uma ponte muito alta e perigosa? Corso (1995, p.106) se pergunta se o período da adolescência “não passa de uma ponte suspensa sobre o abismo que se abre entre a infância e a idade adulta”. Já Freud (1905/1996, p.196), no artigo *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, ao se referir à puberdade, aproxima essa da travessia de um túnel perfurado desde ambas as extremidades. Esses três adolescentes estão na ponte, tentando atravessá-la, pois estão num momento que deverão fazer suas escolhas e tomar decisões. O percurso realizado durante o atravessamento dessa ponte implica a saída da adolescência para uma nova etapa. Implica um outro tempo onde a adolescência ficou para trás, o que não é ainda o caso dos personagens do filme, pois eles ainda vivenciam e experimentam situações da adolescência.

Os três adolescentes decidem viajar sozinhos para Porto Alegre, porque Lucas irá fazer um teste para uma nova escola e os três amigos decidem ir juntos. Daniel quer aproveitar a viagem para ver a exposição de fotos do pai dele. Durante a viagem, Mim os convida a “comer vento! ”. Os adolescentes colocam a cabeça para fora do ônibus com a boca aberta e “engolem o vento”. Na cidade *grande*, experimentam coisas, brincam, gritam e correm nas ruas. Estas brincadeiras seriam uma tentativa de atualizar o infantil que já passou? Freud nos mostra a importância das brincadeiras e dos jogos quando somos crianças:

Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de substituto ou sub-rogado. (FREUD, 1996, p.151).

Em Porto Alegre, os adolescentes param em uma lanchonete e Daniel rouba bombons e distribui para os amigos. Isso é motivo de riso entre eles. Em outra cena, Lucas rouba o laptop do laboratório da escola. Os padres procuram o responsável pelo furto e acusam Lucas, vez que ele era o monitor responsável pelo laboratório. Daniel vai até a diretoria e se apresenta como culpado porque ficou tomando conta do laboratório para Lucas

em troca de aulas de química. Daniel não acredita que seu melhor amigo seja ladrão. Em nenhum momento, Lucas reconhece o ato que praticou. Daniel é chamado na escola com seus pais para assumir parte da responsabilidade pelo ocorrido. Daniel em visita à casa de Lucas descobre o laptop dentro de um armário. Lucas tenta justificar o roubo. A escola pede desculpas a Lucas. Daniel insiste com Mim para que essa diga se ela sabia que Lucas tinha roubado o laptop. Mim pergunta qual é a diferença entre roubar três balas e um laptop, referindo-se ao roubo praticado por Daniel durante a viagem a Porto Alegre.

Segundo Melman (1997), certa forma de delinquência não está forçosamente ausente na adolescência, como podemos observar nos atos praticados pelos dois amigos. Mas há diferença entre os dois atos praticados: no roubo de Daniel, ele comete o ato na presença dos colegas, parece ser um ato praticado para ser visto; no caso de Lucas, ele fica calado, não diz nada. As duas situações não deixam de ser atos de delinquência. Contudo, Lucas não se endereça a alguém para falar sobre o que fez. Parece se sentir justificado pelo fato de ter pego o computador para baixar músicas para Mim. Ao não se endereçar, como pode se deparar com os efeitos de suas ações e sua responsabilidade diante delas?

#### 5.4 “Pai, por que...”

Daniel “toma um porre” após voltar sozinho de Porto Alegre, em razão de Mim ter decidido ficar nessa cidade com Lucas. Ao chegar à rodoviária de sua cidade, Daniel encontra um grupo de colegas de sua escola que lhe oferecem carona e o chamam de “lambari”, apelido referente a um pequenino peixe prateado. O grupo oferece bebidas a Daniel, que fica bêbado e chega em casa passando mal. Antônio o ajuda a curar a ressaca. Daniel conversa com Antônio e pergunta: “Tu já tomou um porre quando tinha a minha idade?”. Antônio diz que não. Daniel pergunta: “Tu recebia e-mail?”. Antônio não responde e sai do quarto.

Daniel parece buscar respostas junto ao padrasto que figurava para ele, até então, como uma das suas principais referências. Daniel chora e observa a foto do pai, vai em direção ao seu computador e começa a digitar um e-mail para o pai biológico através de uma escrita espelhada: “*Daniel, tu...*”. Apaga e escreve: “*Pai, tu é canhoto?*”, “*Pai, tu já tomou um porre?*” e, por fim, escreve: “*Pai, por quê...*”. Ele não encerra a frase.

Ao ler o e-mail, o pai de Daniel diz para o filho que não o abandonou, mas fez uma escolha e que queria fotografar “coisas inesquecíveis”. Daniel se refere a Elena como

sendo uma mulher inesquecível. A mãe de Daniel diz para o filho que poderia ter ido com o pai dele, mas, como estava grávida, não queria que seu filho nascesse sem uma casa e no “meio de bombas”. É uma cena em que Daniel parece montar o quebra-cabeças de sua história, a partir do que escuta dos pais.

As respostas que Daniel busca parecem ter a ver com o tempo da adolescência, no qual os adolescentes esperam que um outro, não qualquer outro, possa lhes dizer o que fazer e como fazer.

Outro ponto importante nessa cena é a construção de uma relação possível entre Daniel e seu pai, pois, mesmo diante de todas as dúvidas, angústias, aborrecimentos com o pai biológico, ele decide ir ao seu encontro – um encontro com o novo e o desconhecido. Enfrentar o novo é se permitir sair de uma posição. Essa parece a forma de Daniel de sair da adolescência.

### **5.5 Já era tempo de eu ficar próximo de alguém que eu nunca deveria ter perdido de vista. Quer vir?**

A última cena do filme mostra Daniel recebendo uma caixa contendo um colete e uma câmera enviados pelo pai dele. Daniel é convidado por seu pai a visitá-lo no México por conta de uma exposição fotográfica. O pai de Daniel envia uma mensagem através de um vídeo no qual pergunta ao filho: “*Preparado para virar um fotógrafo de verdade?*”. Nesse momento, Daniel recebe um convite-convocação para que ele entre na comunidade dos “responsáveis”, como nos diz Charles Melman (1995). O convite é obrigatório, necessário e urgente. É a possibilidade que os adolescentes têm de mudar e de assumirem um novo papel e com isso assumir novas responsabilidades. Daniel parece mostrar que está disposto a isso quando aceita ir ao encontro de seu pai no México e quando se veste de fotógrafo.

Rassial (1999, p.43) destaca um ponto importante que é a questão da identificação na adolescência. Segundo o autor, na adolescência, há uma repetição dos processos primeiros de identificação. “Mas este segundo momento não é somente uma realização: há, em troca, poder-se-ia dizer, consequências sobre o que parecia fixado nas identificações”.

Outra cena do filme também ilustra como a passagem pela adolescência só é possível através de um endereçamento ao outro. Daniel está jogando em seu computador um jogo de guerra, no qual há aviões de combate. Ele perde várias vezes o jogo e repete a frase ao amigo Lucas: “*morri de novo!*”. Quando Lucas orienta Daniel acerca do que este deve fazer,

acaba por dizer ao amigo algo para além dele: “*tem de acoplar em outro avião*”. E assim Daniel o faz. Acopla em um outro avião e consegue ultrapassar o “Atlântico” e aterrissar seu avião na plataforma. Esta ultrapassagem que Daniel faz com seu avião sobre o Atlântico nos faz pensar na passagem da adolescência para a vida adulta a qual não é possível sem um endereçamento a um outro.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme “Antes que o mundo acabe” apresentou um recorte da passagem pela adolescência do jovem Daniel e de sua relação com o pai biológico. A discussão sobre o que vem a ser função paterna não está dada *a priori*.

A adolescência é pensada e estudada por muitos, quer seja para discutir as dificuldades enfrentadas pelos adolescentes, quer seja para servir de mote para a produção de músicas, peças de teatro, filmes, novelas e livros. Há um interesse crescente na adolescência por ser esse tempo um período difícil e de turbulências para alguns, além de ser permeado de mudanças. Isso instiga muitos autores a se debruçarem sobre ela, bem como sobre as marcas que deixa na vida de cada um.

Freud, no artigo *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), destacou que é na puberdade que a pulsão sexual que, até então, era autoerótica, encontra o objeto sexual, pois é nesse tempo que vai haver um encontro com o objeto sexual. Na verdade, diz ele, um reencontro, uma vez que, desde a infância, esse caminho já vinha sendo percorrido. No entanto, a adolescência não é um tempo de continuidade com a infância, mas, sim, um tempo de corte com a infância e com tudo aquilo que diz respeito a ela, uma vez que agora haverá mudanças tanto fisiológicas quanto sociais.

Charles Melman (1995), ao considerar a adolescência como crise psíquica, crise identificatória, nos chama a atenção para o fato de que o objeto, o falo, que os adolescentes esperavam receber, a partir da promessa que lhes foi feita na infância, não existe, não lhes é dado porque quem poderia lhes dar este objeto, também é castrado.

Passar pela adolescência significa passar por dificuldades próprias a esse tempo, o que requer que o adolescente se responsabilize por sua palavra de modo a que possa dar uma resposta à convocação que lhe é feita para que se posicione frente ao sexual. A saída da adolescência vai depender da resposta que cada um pode dar sem que um outro o faça por ele, ou melhor, uma resposta que o adolescente terá de dar mesmo sem saber como e porque. Charles Melman (1995) nos diz que é feito um convite necessário, urgente e obrigatório, aos adolescentes para que os mesmos entrem na comunidade dos “responsáveis”.

Enquanto se está na passagem pela adolescência, tal qual os adolescentes Daniel, Mim e Lucas na cena em que ainda estão sentados na ponte sobre o rio Caí, não há possibilidade de atingir uma maturidade. É com a ultrapassagem dessa ponte que, digamos, é

possível ocupar um novo papel imposto uma vez que o convite feito aos adolescentes é também uma convocação. A solicitação imposta aos adolescentes para que assumam novas responsabilidades pode desencadear neles momentos de solidão, de angústia ou até mesmo a prática de pequenos delitos e/ou uso de substâncias psicoativas, dentre outros.

A partir dos objetivos deste estudo e da discussão do filme, é possível dizer que uma “adolescência normal” significa a passagem por este tempo com momentos de dor, de crise, de solidão e de angústia, mas não só. Há momentos de calma, de tranquilidade, além de ser um tempo de elaboração e de construção. É estar em uma ponte entre a infância e a vida adulta e ter que decidir o que fazer agora. Não seria a função paterna a ponte?

## REFERÊNCIAS

**ANTES que o mundo acabe.** Direção: Ana Luiza Azevedo. Porto Alegre, 2009. 102 min.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CHEMAMA, R; VANDERMERSCH, B. **Dicionário de Psicanálise.** São Leopoldo: Unisinos, 2007.

FLEIG, C. (Org.). **Adolescente, sexo e morte.** Porto Alegre: CMC, 2009.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. 5 v.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. 7 v.

\_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. 9 v.

\_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 763-779, v 9.

\_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. 13 v.

\_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. 14 v.

\_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIX.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. 19 v.

LACAN, Jacques. **O seminário 4: A relação de objeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. **O seminário 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques. **Meu ensino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 607p.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. **Vocabulário da Psicanálise**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LO BIANCO, Ana Carolina. Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. **Psico – USF**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 115-123, 2003

LOPES, Arlete G; SARUÉ, Sofia. O despertar da primavera... um tempo lógico. **Escola Letra Freudiana**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 9, [1991?].

MELMAN, C. **Adolescência: entre o passado e o futuro**. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 1997.

MELMAN, C. Adolescência. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n.11, 1995.

RASSIAL, Jean-Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

ROCHA, A. C. O ensino e o objeto- anotações à margem do seminário, **Revista do Tempo Freudiano**, Rio de Janeiro, n.2, 2003.

Gomes, Alyssandra Vieira Costa

Adolescência normal?: um estudo acerca do submetimento à função paterna / Alyssandra Vieira Costa Gomes. – São Luís, 2015.

50 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isalena Santos Carvalho.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2015.

1. Psicologia. 2. Psicanálise - Função paterna. 3. Adolescência. I. Título.

CDU 159.964.2-053.6